

A UNIVERSIDADE FORDISTA E A CELEBRAÇÃO DOS NÚMEROS: O TRABALHO ACADÊMICO EM QUESTÃO

Paulo Henrique Lima de OLIVEIRA¹

RESUMO

Este artigo tem como propósito discutir os caminhos que as universidades públicas brasileiras têm tomado nos últimos anos em relação à produção acadêmica de Teses, Pesquisas e Trabalhos Científicos. Busca discutir os motivos pelos quais a formação acadêmica de nível superior tem se enquadrado cada vez mais em uma lógica fabril, que estabelece uma padronização de tempo para a construção de um produto, deixando as individualidades sem poder de argumentação ou contestação. No caso da universidade, o produto a ser construído é, antes de tudo, o conhecimento. Certamente este texto não se propõe a avaliar minuciosamente as ações normativas pasteurizadas plenamente aceitas e implementadas nas instituições públicas de ensino superior nos últimos anos. No entanto, busca uma explicação mais elaborada sobre como o ensino, a pesquisa e os trabalhos científicos transformaram-se em produtos artificiais que são usados potencialmente como parâmetros de avaliação de cursos e profissionais. Este texto se propõe, ainda, a repensar como a forma única de conduta coletiva instituída nas universidades sem uma maior reflexão, pode tornar-se uma sedução perigosa onde todos perdem. Usaremos como esboço da nossa reflexão os elementos da construção de uma tese, que se tornou a referência maior da pesquisa científica no ensino superior brasileiro.

Palavras-chave: universidade, produção, pesquisa, trabalho científico.

ABSTRACT

This article intends to discuss the ways that the Brazilian public universities have taken in recent years for the academic production of theses, research and scientific work. Search discussing why the top-level academic training has been increasingly framed in a logic manufacturing, establishing a pattern of time to build a product, leaving individualities without the power of argumentations or contestations. For the university, the product is to be built, above all, the knowledge. This text doesn't propose to evaluate minutely normative pasteurized actions, fully accepted and implemented in public institutions of higher education in recent years. However, seeks a more elaborate explanation about how the teaching, research and scientific work turned into artificial products that are potentially used as parameters for evaluation of courses and professionals. Proposes to rethink how an only way of collective conduct established in universities without profound reflection, This can become a dangerous seduction in which all lose. We use as sketch of our discussion elements of constructing of a thesis, which became the reference of scientific research in higher education in Brazil.

Key-words: university, production, search, scientific work.

¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: phloliveira@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

“A gente vai contra a corrente, até não poder resistir. Na volta do barco é que sente o quanto deixou de cumprir”.

(Chico Buarque)

Uma tese de doutorado – assim como os demais trabalhos acadêmicos – necessita de um plano preliminar de atividades para que alcance o seu conteúdo formal e acabado. Não há regras fechadas que garantam o seu pleno êxito, mas a primeira atitude depois da escolha do tema a ser investigado cientificamente é delimitar com clareza os passos que serão dados para a plena efetivação do projeto. Assim, partimos do pressuposto de que a construção de uma tese assemelha-se a qualquer outro projeto e precisa ter início, meio e fim. Alicerce, construção e acabamento.

Necessário enfatizar que não há tese sem a especialização de quem a produz e a experiência de quem a orienta. Passa a ser, desde o seu início, um trabalho não individualizado. O senso de coletividade é um dos alicerces da vida acadêmica. A tese é um produto único, que deve ser de boa qualidade, apesar de ter se inserido na lógica da produção em série que a entende como um número a mais no ranking da produção científica.

A construção, desenvolvimento e finalização de uma tese não são tarefas simples, com receitas prontas. Faz-se necessário adotar alguns indícios básicos, cumprir normas gerais, seguir caminhos já percorridos, criar outros. Não há como uniformizar um procedimento único de conduta para todos os pesquisadores. No entanto, há uma tendência acadêmica a ser seguida meticulosamente para que o trabalho seja reconhecido e devidamente avaliado.

Ocorre que a realização de trabalhos científicos tem se mostrado fragilizada com o anúncio, de alguns anos para cá, de uma padronização temporal que imita a lógica fabril nas universidades brasileiras para a conclusão destes trabalhos. Uma “nova” dinâmica se incorporou ao mundo acadêmico: a do fazer tudo ao mesmo tempo, agora. O tempo lento, necessário para algumas elaborações teóricas e conceituais, perde-se no mundo das formulações instantâneas que passaram a prestigiar a homogeneização das práticas docentes e de pesquisa nas instituições brasileiras de ensino superior.

Por parte de quem se propõe a escrever uma tese, há deslizos em alguns momentos e segurança plena em outros. O autor coloca-se à mostra e, de certo modo, há uma entrega

por completo aos objetivos propostos inicialmente. A busca por resultados aparece como parte integrante da pesquisa científica.

O tom da incerteza advindo dos caminhos percorridos pela universidade brasileira nos últimos anos nos leva a uma reflexão sobre a validade da construção de uma tese, que neste texto será usada como sinônimo dela mesma e dos demais trabalhos científicos.

Vale a pena escrever uma tese? Para que servirá, de fato, este registro? A quem se destina? Que movimentos de transformação social, política, econômica ou tecnológica pode gerar? A escrita tem um papel fundamental na ampliação de mudanças em diversos segmentos. Escrevemos para transformar, incomodar, repensar.

A tese é como “o fogo” dos ditados populares, com ela não se brinca². A tese traduz força, poder, identidade e alguns conchavos. Move pesquisadores, investimentos financeiros e universidades. Mostra a sua imponência no mundo das vaidades acadêmicas quando aparece como ponto de destaque na atualização curricular do banco de dados dos pesquisadores nacionais. A produção de todos, transformada em números, está disponível na página virtual de um órgão governamental que estimula a pesquisa, a docência e a competição científica no Brasil.

No momento atual, o currículo dos pesquisadores brasileiros está associado, sobretudo, ao número de publicações em revistas científicas que podem ser “de maior ou menor excelência”. Também pesam na avaliação destes currículos os títulos advindos da caminhada científica iniciada com a graduação, a participações em eventos científicos os mais diversos, as orientações de trabalhos de final de curso e outras produções, como as técnicas e culturais. O tempo de experiência em sala de aula é outro ponto a ser considerado na organização curricular de conotação mais produtivista.

Estes itens de avaliação do pesquisador tornam-se uma referência sedutora para os que entendem a vida acadêmica pela lógica fabril, a qual estipula tempos reduzidos para a construção do produto final e cobra resultados imediatos para a contabilização dos lucros.

Contudo, os números gerados pelos currículos disponíveis “on line” no site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – podem não expressar concretamente os índices de dedicação, disciplina e compromisso que cada pesquisador mantém com as universidades nas quais estão inseridos. A leitura destes números deve ser mais abrangente, particularizada, revista e criticada, assim como outros dados oficiais relacionados à educação superior no Brasil.

² “Com fogo não se brinca” ou “Quem brinca com fogo pode se queimar” são os ditados populares aos quais nos referimos.

Em nosso País, a idéia de unidade nacional a partir do futebol tornou-se tão enraizada na cultura nacional que possibilitou a sua utilização como argumento nacionalista (SOUZA, 1996, p. 35). Passamos a copiar nas universidades o modelo de competição baseado apenas em resultados, que rebaixa alguns times (e seus jogadores) e eleva outros, anualmente, tomando-se como referência o empenho das equipes nas partidas e no resultado final do campeonato nacional.

Os jogadores do academicismo seguem uma linha única de pensamento: o da produtividade científica exaustivamente medida, cobrada, imposta por uma ordem superior perdida na invisibilidade das hierarquias comumente aceitas. Salvemos os nossos cursos de possíveis rebaixamentos, esta é a idéia colocada em questão. Precisamos marcar gols para manter os conceitos de excelência tão almejados e pouco discutidos. A qualidade de um time não se mede apenas pelo número de gols que faz.

A competição acadêmica gera diversos conflitos que prestigiam o narcisismo de quem lida, por exemplo, com descobertas que envolvam patentes, sigilo, ganhos comerciais associados aos resultados da pesquisa e interesses privados. Para Carlos Walter Porto-Gonçalves (2006) existe uma nova lógica do mercado que transforma inclusive, a percepção real do que seja a ciência. Com isto, os congressos científicos passaram a fugir do seu propósito básico: a troca de conhecimentos entre estudiosos. O autor reitera que

Os congressos científicos já não são o lugar de trocas livres de conhecimento entre cientistas. O pesquisador já não faz parte de uma comunidade de conhecimento que tem no intercâmbio generalizado e livre de idéias uma condição para o desenvolvimento das suas investigações. Um outro pesquisador pode ser um concorrente potencial, quando a nova lógica do mercado passa a predominar no campo científico. Vale lembrar que publicar é tornar público e, assim, a lógica do privado, característica do mundo empresarial, atinge um dos pilares do conhecimento, que é o seu caráter de construção coletiva e livre. A ciência deixa de ser patrimônio comum da humanidade e tende a perder seu caráter potencialmente livre e democrático (PORTO-GONÇALVES, 2006, p.112).

A construção coletiva e livre do conhecimento tende a perder-se dentro de uma tendência normatizadora impiedosa que enquadrou a universidade nos modelos empresariais de competição. A luta saudável e necessária pelo reconhecimento público que

todo pesquisador busca historicamente transformou-se em uma exposição de falsos brilhos, em números sem maior importância. Jogaram os porcos às pérolas que a universidade produzia e teima em produzir.

Ao apreciarmos trabalhos de pesquisa como os de Gilberto Freyre, Tereza Caldeira, José de Souza Martins, Marilena Chauí, Milton Santos, Darcy Ribeiro e tantos outros que não escapam à memória, mas fica impossível listar em número limitado de linhas, acreditamos que vale a pena a dedicação plena à pesquisa acadêmica e projetos científicos. Estes, assim como tantos outros, serão contabilizados, valorizados, registrados e reconhecidos principalmente pela sua importância acadêmica. Mas urge seguir a linha de raciocínio em paralelo e tecer outras discussões sobre a importância da pesquisa científica para além do registro em uma pontuação curricular, no mínimo, embaraçosa para quem se propõe a fazer ciência.

Sim, pois se cumpre o dever de informar que o trabalho científico ainda não perdeu a sua importância ante o produtivismo que se instalou nas universidades brasileiras nos últimos anos, incidindo, inclusive, sobre a qualidade dos trabalhos apresentados de diversas formas³.

Produzir com qualidade, às vezes demanda um outro tempo, uma outra perspectiva de perceber a pesquisa acadêmica. A universidade nem sempre contempla a proposta de “um outro tempo”. Produzir é preciso; a qualidade que acompanha esta produção nem sempre é precisa.⁴

³ Os casos de plágios de trabalhos acadêmicos, que se tornam comum nas universidades, são exemplos disto. A “Lista de Geografia”, um dos maiores grupos virtuais de discussão sobre a Geografia Brasileira, possibilitou múltiplos debates sobre o assunto. A Associação dos Geógrafos Brasileiros, seção Belo Horizonte (AGB/BH), discutiu o tema durante o V Encontro Estadual de Geografia de Minas Gerais, ocorrido na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em julho de 2005.

A rádio CBN divulgou em rede nacional, no dia 21 de abril de 2007, uma ampla reportagem sobre o plágio de teses e o comércio de trabalhos acadêmicos debatendo com vários pesquisadores as formas de coibir possíveis abusos de cópias de trabalhos alheios. Um dos entrevistados ressaltava que em algumas universidades os pesquisadores já utilizam determinados programas de computador que ajudam na verificação da autenticidade do texto escrito por quem busca um título acadêmico. A confiança agora passa a ser na tecnologia, não mais nas humanidades.

Outro entrevistado mostrou-se preocupado com o crescente mercado dos “produtores” de teses, dissertações e monografias no chamado “mercado paralelo”. Basta uma olhada rápida nos classificados de jornais de grande circulação nas principais cidades brasileiras para encontrarmos a oferta destes produtos. O “mercado” busca atender a mais um público carente de “serviços especializados” e promete rapidez na entrega dos produtos solicitados.

⁴ Na última Semana de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC), ocorrida em novembro de 2008, a mesa de encerramento discutia sobre as perspectivas das Ciências Sociais para os próximos anos. Uma das questões abordadas pelos estudantes presentes, foi a preocupação em escrever artigos para possíveis publicações em revistas científicas que fossem melhor avaliadas pelos parâmetros da CAPES. Um dos acadêmicos inquietava-se com a possível desvalorização das publicações de menor repercussão midiática no meio científico e com a queda no interesse das pessoas em participar de eventos científicos, mesas-redondas, comunicação livre, debates etc. Terminou o seu lamento com a curiosa e instigante

Mas o homem tem a capacidade de se adaptar a novas situações, de vivenciar contextos diversos, de enfrentar novos conflitos e com isto, busca finalizar seus objetivos da melhor forma. Há luz no fim do túnel, apesar de certo dissabor com o produtivismo implementado nas instituições de ensino superior sem maiores elaborações, discussões ou propostas coerentes.

O que estamos vivenciando hoje nas universidades públicas brasileiras e nas instituições privadas, quer sejam elas de caráter familiar e um tanto informal, quer sejam de grupos mais organizados administrativamente, é uma depreciação dos resultados das pesquisas científicas e das relações instituídas no processo ensino-aprendizagem. Não há como parar a ideologia do “fazer o tempo inteiro”. O descanso parece ser um privilégio, não uma conquista. No sétimo dia, dizem os cristãos, só Ele descansou. Cabe ressaltar que os interesses das instituições públicas e privadas são notoriamente distintos, distanciados e porque não dizer, antagônicos.

2. A TESE: ESCREVÊ-LA É PRECISO. VIVENCIÁ-LA NÃO É MAIS POSSÍVEL

O primeiro aspecto a levarmos em conta na produção científica é a escolha adequada do tema a ser investigado, que pode ir de assuntos particulares e às vezes tidos como banais, a abordagens mais aprofundadas em tópicos freqüentemente debatidos ou ainda poucos conhecidos. Não há pesquisa científica sem um tema, uma proposta de trabalho, um planejamento inicial. O tema anuncia as possibilidades sonhadas pelo pesquisador, é a semente da tese. O tema mostra ainda que as pesquisas tem diferentes caminhos por trilhar.

Em um mundo ansioso por discutir com mais propriedade seus reais problemas sociais, econômicos e políticos e quiçá apontar soluções para uma vida mais humanamente feliz, a ciência teima em promover a diversidade e caracterizar o livre arbítrio como força deliberativa para a escolha do tema de abordagem de cada pesquisador. O livre arbítrio nosso se cada dia nos daí hoje, ó universidade!

Assim, mesmo que não queiram ou que não gostem, há de se manifestar os mesmos níveis de importância científica e objetividade aos temas que vão do Turismo ao Planejamento Urbano, da Violência no Campo às Festas Religiosas, da Urbanidade ao Sexo, da Cultura Popular às Políticas Públicas. Quem duvida que a Ciência não pode chegar a perspectivas longínquas? Quem deliberou que a universidade não promove sonhos? (ou pesadelos, dependendo do ponto de vista). O respeito àquilo que se

assertiva: “Ninguém mais quer escrever livro, só artigo para revistas especializadas de alta qualificação”. A reflexão ficou em aberto.

convencionou chamar “diversidade” passa pelo academicismo. Ainda mais: trabalhando-se bem, não existe tema que seja verdadeiramente estúpido (ECO, 2006, p. 5).

Um outro ponto diz respeito ao papel de agente transformador da sociedade e da vida das pessoas por parte do cientista e/ou de seus trabalhos. A simples leitura de um artigo, a audição de uma palestra ou a participação em um dos incontáveis embates acadêmicos possibilitam transformações efetivas no mundo real. A universidade pode chegar mais longe do que imaginamos. A transformação se faz nas entrelinhas do mundo vivido.

Dentro de uma coerência matemática, deveríamos ponderar que pesquisas de temas diferenciados e dificuldades distintas quanto à aquisição de material para experimentos não se enquadrariam em um tempo igual para ambas. Basta um olhar mais pormenorizado para perceber que esta lógica do tempo normatizado sem maiores críticas, não gera ganhos acadêmicos seguros. Uma pesquisa “A” é diferente da pesquisa “B”, que pode ou não assemelhar-se a uma pesquisa “C”. Todas fazem parte de um conjunto que insiste em não destacar as propostas distintas de cada uma delas. Uma outra lógica temporal que desprestigie a dimensão do fazer instantâneo precisa ser evocada. A contestação parece silenciar no mundo atual.

Um outro ponto diz respeito ao papel de agente transformador da sociedade e da vida das pessoas por parte da universidade, dos cientistas e de seus trabalhos de pesquisa, ensino e extensão. Há quem diga que com a plena dedicação às pesquisas acadêmicas, escamoteamos esta possibilidade transformadora – se é que ainda nos propomos a este ideal – elaborando teses, escrevendo artigos, ministrando aulas, participando de palestras, mesas-redondas, comunicações e orientando trabalhos. Aproveitar todas as possibilidades – alguns diriam “vantagens” – ofertadas pela vida intramuros da universidade é um erro? O chamado “trabalho intelectual” é posto em pauta e os resultados são cobrados.

Gilberto Velho nos convoca a uma reflexão sobre o respeito às diferentes percepções que a universidade pode gerar nos seus pesquisadores. O texto, escrito há três décadas, é assim colocado:

Creio que a maioria de nós está de acordo que a universidade não se pode isolar dos problemas da nossa sociedade. Não há muitos acadêmicos brasileiros que aderem, em princípio, à idéia de que o enclausuramento nos laboratórios e gabinetes é um caminho adequado. Às vezes encontra-se nesta atitude uma forma de reação a pressões despropositadas. Mas, mesmo estes que pretendem se proteger, não devem ser discriminados e

desrespeitados. Não só porque individualmente podem desenvolver um importante trabalho científico, mas porque em determinados momentos e conjunturas podem se pronunciar e manifestar-se, às vezes de maneira surpreendente (VELHO, 1979, p. 80).

Por certo, a universidade não pode ser uma redoma. Mesmo com todas as críticas que fazemos a ela, a instituição social e acadêmica não pode parar. Trabalhos precisam ser desenvolvidos, temas aprofundados, metas consolidadas, atitudes discutidas e avaliações feitas frequentemente. A transformação pode começar de dentro para fora. Para Cassimiro e Gonçalves (1986, p. 25):

O papel da Universidade não termina ao entregar um diploma ao recém-formado e nem a missão do Professor Universitário acaba na porta da Faculdade. A Universidade é uma das instituições de maior responsabilidade na condução do processo social. Uma sociedade será o que for a sua Universidade, razão por que todos os segmentos da sociedade devem cuidar muito bem da Universidade, assim cada Instituição Universitária deverá estar inteiramente integrada à sociedade à qual pertence e articulada com o meio comunitário que são as razões, afinal, de sua própria existência e subsistência.

Percebemos nesta reflexão que a universidade pode aparecer como instituição para além do ensino-aprendizagem. Ir além preconiza um tempo a mais na produção acadêmica que não pode ser mensurado em dados estatísticos ou em número de publicações. O tempo da interação Universidade – Comunidade é precioso e necessário. Não pode ser instituído de forma autoritária como regra padronizada inflexível.

3. MAS AFINAL, PARA QUE SERVE O TRABALHO CIENTÍFICO?

“Para que é esta pesquisa mesmo?”. Esta frase incômoda, tantas vezes repetida quando estamos envolvidos com a experiência de campo ou aplicação de questionários, nos chama a uma reflexão sobre o papel do pesquisador na sociedade atual e exige que saibamos respondê-la com propriedade e discernimento, mesmo que no íntimo de muitos venha o pavor de responder “para nada” ou “não sei”.

Em qualquer caso, o interlocutor não pode ficar sem um retorno. Há inquietações ainda sobre os ganhos das pessoas externas ao meio acadêmico com a realização de

pesquisas de campo, entrevistas, registros fotográficos etc. A pesquisa necessita unir teoria e prática, assim como as instituições de ensino. A escrita e a leitura, valiosas que são, exercem ainda um poder de mobilização e troca de idéias inimagináveis. Para que, afinal, pesquisamos? Salários e reconhecimento podem ser algumas das respostas, mas há outras possíveis.

Não basta apenas ler, escrever e assimilar mais conhecimentos. É necessário permitir a discussão mais densa sobre os assuntos estudados e propor alternativas de ações transformadoras conscientes. Tudo no seu devido momento. Os limites entre os trabalhos técnicos e os acadêmicos também devem estar postos com clareza. Cada um deles sinaliza ações próprias e mostram-se importantes.

A tese gerando ações e permitindo avanços, cumprindo o seu papel de aprofundamento científico, valorizando o outro, elaborando possibilidades de transformações políticas e creditando pontos para a chamada produção acadêmica mostraria as suas diversas potencialidades, inclusive a de resistência a um modelo mercantil que passou a perceber os trabalhos científicos como dados numéricos apenas.

O trabalho científico deve mostrar possibilidades, desvendar enigmas, descrever situações e fatos, levantar hipóteses. Muitas vezes, com ele chegamos aos nossos limites físicos, mentais e emocionais. Mudamos a nossa vida cotidiana, importunamos pessoas, esbarramos em dificuldades diversas e nos tornamos escravos da escrita e do tempo fabril. Ah, somos escravos de tantas coisas.

Sem a escrita, o trabalho não ganha identidade, prestígio, particularidade, fama, críticas, plágios e adaptações grotescas. A escrita é paradoxalmente, o alicerce e o acabamento do trabalho científico. Ela é o início e o fim de um processo. Não há outro caminho a não ser escrever, escrever, escrever.

O tempo de discutirmos oralmente o que estamos produzindo cientificamente cai em desuso se não vier casado com a fundamentação aplicada ao papel. “Vale o que está escrito”, profetiza uma frase de uso bastante comum no nosso dia-a-dia. Escrever demanda um tempo, que não pode ser o mesmo para todos.

Esta escravidão da escrita é uma experiência ímpar, vivida por cada pesquisador a seu modo. Decerto muitos tem histórias diversas para relatar sobre os encontros e desacertos da sua caminhada acadêmica. O relato do outro nos ajuda a construir o nosso percurso. Hoje, quase não percebemos o outro com a construção de um padrão único de formulação de uma tese.

No circuito acadêmico destacam-se determinados discursos que se tornaram comuns na fala dos pesquisadores de diversas áreas e que, de certa forma, estão relacionados: o primeiro deles é que escrever não é uma atividade fácil. Claro! Exige raciocínio, criatividade, coerência, lugar, tempo, disponibilidade e leitura, muita leitura. Além disto, há a carência de debates mais aprofundados sobre questões diversas. Assim, a produção escrita corre o risco de se fragilizar por inteiro e a propriedade intelectual é posta em xeque quando há a utilização de textos completos extraídos da Internet como se fossem produções próprias. Produzir é o que importa.

Para quem insiste em não desfrutar das delícias e das dores da escrita, há um mercado em paralelo que mostra que os fantasmas da falcatura e do “jeitinho” podem chegar facilmente a todos. Anúncios em jornais de diversas localidades do País divulgam a venda de monografias, dissertações e teses para aqueles que desejam a “certeza de qualidade” do produto. O que está escrito pode significar relação monetária e nada mais. A tese, então, torna-se mercadoria, mostra um outro lado da disputa pelos resultados acadêmicos. A universidade não está alheia a este movimento, mas parece incapaz de combatê-lo; A universidade mostra-se fragilizada, inoperante quanto a este dilema.

O ato de escrever não pode ser visto como um fardo. É prazer, dedicação, aflição e compromisso. A banalização da escrita e a produtividade acadêmica desmedida são questões que devem ser consideradas com mais destaque nos debates sobre a universidade brasileira.

A vulgarização do trabalho escrito ocorre também quando há transcrição ou adaptação quase total de textos de outras obras para dar um volume maior ao trabalho, ou ainda, quando outras pessoas são contratadas para escreverem aquilo que seria originalmente o trabalho do outro. Chamá-riamos esta última atitude de “terceirização precarizada”. Terceirizam-se trabalhos, não emoções e descobertas próprias. Comete-se crime, previsto em lei.

As atitudes citadas podem ser interpretadas como “engodo intelectual”, próprio de quem aparentemente escreveu e não leu. O caminho “fácil” não aponta um destino certo, um lugar de chegada. No entanto, marca pontos na corrida pelo ranking para avaliação de cursos, gera ganhos econômicos e favorece o status individual do pesquisador. Todos, assim como os times de futebol, querem estar na primeira divisão. Nem todos os atletas tem a mesma disposição física para jogar e o raio de atuação individual no time é bem claro.

O goleiro, também atleta, geralmente faz menos gols do que os atacantes do seu time, mas não pode ser avaliado pela mesma lógica dos demais jogadores. O goleiro é indispensável em qualquer time de futebol e não é considerado um atleta menor por não marcar muitos gols. A lógica do futebol parece ser mais justa do que a da mercantilização acadêmica que se instalou nas instituições de ensino superior nos últimos anos. A universidade precisa ter em sua equipe, profissionais que sejam pesquisadores, professores, orientadores, coordenadores, organizadores de eventos etc. Cada um destes profissionais atua em uma posição e alguns marcam mais gols do que os demais. Este é o senso de equipe.

A idéia comum de que pesquisadores que não produzem trabalhos dentro dos padrões estabelecidos pelos cursos superiores estão parados, imóveis, desinteressados, perdidos no tempo e no espaço toma proporções alarmantes. Não somos mais capazes de prestigiar quem se detém com mais intensidade à leitura ou os que demandam maior carga horária na prática de ensino. Impossível ver que as tartarugas tem o seu ritmo e as lebres passam rápido demais porque são frágeis dentro da estrutura do mundo animal. Sobreviver, esta é a lei da selva.

4. SOBREVIVENDO À LÓGICA DA PADRONIZAÇÃO: INCOMODAR PARA DISCUTIR

Alguns arranjos são feitos e teias de pseudo-solidariedade e de práticas danosas à universidade são estabelecidas para salvar os nomes e status de cursos e pesquisadores. Há o risco de se perceber cursos, pesquisadores, grupos de pesquisas e alunos como produtivos ou não produtivos a partir apenas da elaboração de trabalhos, sem análise maior da qualidade dos mesmos. Evidentemente, não queremos ingenuamente concluir que a qualidade dos trabalhos científicos deva ser considerada apenas pelo tempo gasto para a sua elaboração.

O tempo para a construção de uma tese poderia ser uma referência baseada em tópicos comuns, como facilidade de acesso às fontes, objetivos da pesquisa, metodologia a ser utilizada, local aonde será realizada etc. A imposição de um tempo idêntico para todos, instituído por órgãos gestores e agências de fomento a pesquisas gerou inquietações e não se percebeu maiores contestações quanto a esta prática.

Outro discurso comum na universidade diz respeito à competição interna para que sejamos reconhecidos profissionalmente. Depois de constatar que “escrever não é tarefa fácil”, ganha força a idéia de que temos que entrar no mercado competitivo, onde apenas

os melhores (?) vencem. Alguém duvida que a universidade cria ou reproduz as fissuras do mundo do produtivismo e da competição desmedida aonde a coerência e a qualidade muitas vezes são questionadas?

A universidade mudou, ganhou ares de instituição que não se acomoda junto aos apelos do mercado de trabalho e passou a apresentar outros conflitos, como o descuido com a formação docente. Em tempos mais recentes,

A heteronomia da universidade autônoma é visível a olho nu: o aumento insano de horas/aulas, **a diminuição do tempo para mestrados e doutorados, a avaliação pela quantidade de publicações, colóquios e congressos, a multiplicação de comissões e relatórios, etc**⁵.

Nela, a docência é entendida como transmissão rápida de pensamento, consignados em manuais de fácil leitura para os estudantes, de preferência ricos em ilustrações e com duplicatas em CDR-ROM. O recrutamento de professores é feito sem levar em consideração se domina ou não o campo de conhecimentos de sua disciplina e as relações entre ela e outras afins – o professor é contratado ou por ser um professor promissor que se dedica a algo muito especializado, ou porque não tendo vocação para a pesquisa, aceita ser escorçado e arrojado por contratos de trabalho temporários e precários – ou melhor, “flexíveis”. A docência é pensada como habilitação rápida para graduados, que precisam entrar rapidamente num mercado de trabalho do qual serão expulsos em poucos anos, pois se tornam, em pouco tempo, jovens obsoletos e descartáveis: ou como ou correias de transmissão entre pesquisadores e treino para novos pesquisadores. Transmissão e adestramento. Desapareceu, portanto, a marca essencial da docência: a formação (CHAUI, 2003, p. 7).

Inúmeras são as pesquisas “requeentadas”, diversos os grupos de pesquisas ou de pessoas que “prestigiam” unicamente os mais próximos, favorecendo assim a banalidade acadêmica. Isto sem entrar nas questões das brigas por cargos, postos de comandos,

⁵ Os grifos são nossos.

horários de disciplinas, etc. Viva o mundo das contradições e das crises. Neste mundo, a universidade se insere.

O tempo da produção, tornado depois elemento estatístico, sugere que a universidade não para e preconiza uma linha de raciocínio comum que instituiu, sem retorno, que uma tese de doutorado deve ser concluída em até quatro anos e uma dissertação de mestrado deve estar pronta em até dois anos, no máximo. Corra, pesquisador, corra! Não há tempo para reflexões mais elaboradas sobre esta questão.

Após o término de cada tese, há a necessidade de expor o trabalho, argumentar com outros pesquisadores, discuti-lo de forma clara, envolvente e amadurecida. Estas ações permitem que o outro adquira um olhar condizente com a perspectiva real do autor. A clareza nas propostas do trabalho é ponto fundamental para que esta interlocução ocorra.

Na produção científica há sempre um desafio posto, um dilema a enfrentar. Não estamos sozinhos neste momento onde se misturam ansiedades e medos, paixões e incoerências do pesquisador, leituras e discussões que muitas vezes parecem intermináveis. A armadilha de ir pelo caminho mais “fácil” está pronta, seduz, mas não encanta, O sentido da palavra encantamento é mais intenso.

A tese demanda ainda um tempo. Hoje, o da universidade recortada, padronizada, que forma pesquisadores aparentemente dotados de uma mesma conjuntura, de um mesmo percurso profissional e de mesmas facilidades de acesso a equipamentos como bibliotecas e salas de estudos. Assim, surgem verdadeiras máquinas de escrever. Os de ritmo lento são vistos como acomodados ou preguiçosos. Não há garantias de que de fato, não sejam.

A máquina de produzir produtos para a universidade gera outros valores na construção do conhecimento. Para os que se propõem a fazer Ciência, a escrita não aparece como castigo, como mera produção quantitativa com hora marcada para terminar. Há o risco de vermos as princesas virarem abóboras da aceitação contínua de ordens distantes. O relógio da vida acadêmica poderia basear-se no bom senso. Escrever, então, se tornaria sinônimo de prazer, de discussão técnica e acadêmica mais elaborada. O possível fardo poderia torna-se reconhecimento, compromisso e não imposição.

Não há mais espaço para quem ousa sair desta linha de conduta preconizada pelos órgãos financiadores de pesquisas, por gestores estatais e pela comunidade acadêmica. Uma fórmula mágica pretensamente indiscutível se estabelece como unanimidade em relação ao tempo de pesquisa. A universidade transformou-se, mas ganhou com isto? Os resultados mostram que não.

5. ENTRADAS E SAÍDAS: REFLEXÃO SEM CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

As universidades tem como cartão de visitas, além dos seus funcionários e equipamentos, a chamada produção científica. É ela que dá muitas vezes o “status” de instituição boa ou ruim, privilegiada ou não ante aos olhos do academicismo. Quanto mais produz, mais cresce. Este é o pensamento comum.

Produzir é um dos primeiros ensinamentos que aprendemos quando ainda crianças. O temor de gerar seres improdutivos, preguiçosos e sem funcionalidade parece chegar a todos e a idéia de produção nos persegue durante toda a vida. Expressões corriqueiras endossam esta percepção. Uma frase como “Este menino não faz nada o dia todo” anula a interpretação de que não fazer nada pode ser algo saudável, responsável e justo. Perceber a produção como algo duro, cruel, impiedoso parece ter tomado corpo mais consistente, inclusive no meio acadêmico, que padronizou formas, conteúdos, caminhos e até sonhos.

Na universidade o parâmetro da produção exacerbada está posto, quase indiscutível. Apresenta-se como sagrado, afinal a preguiça é um pecado mortal. A produção incessante é impiedosa, má. Contudo, sem a produção não há salários, orgulho próprio, identificação com o mundo moderno. Sem produção não há universidades.

Para enfrentar e questionar os dilemas da produção desmedida com hora marcada para o seu término encontramos, agora, “novas saídas”: entrar mais de uma vez no processo seletivo para seleção de candidatos para os cursos de Pós-Graduação é uma delas. Ganha-se, assim, mais tempo para a conclusão da pesquisa – até o dobro do tempo padronizado – , mais fôlego para rever possíveis falhas no projeto original, uma melhor estrutura para o fechamento dos dados, possivelmente mais leituras e maior tempo de orientação. A desconstrução da ordem instituída cria outros vícios e também é sedutora. Entre a cruz e a espada, há escolhas.

Outra “saída” encontrada por pesquisadores e professores para que não se sintam alijados da produção em série instituída no meio acadêmico, foi associar múltiplos co-autores ao nome do autor principal em publicações científicas. O que parece ser uma postura adequada, pois muitas pesquisas são desenvolvidas por um número maior de pessoas, passa a ser entendido como comportamento que merece uma reflexão mais apurada.

Os trabalhos publicados que são desenvolvidos por mais de um autor, agora nomeados um a um, encontram certos limites de aceitação quando eventos científicos passam a definir o número máximo de autores por trabalho inscrito e a quantidade de

trabalhos aceitos para apresentação. Alguns eventos cobram o valor da inscrição para cada nome citado em trabalhos coletivos e a presença de pelo menos parte destes autores nos dias de exposição dos mesmos se faz necessária. A universidade, fruto da ação humana, produz seus vícios, reflete sobre eles e aponta soluções.

Por outro lado, em diversos editais para seleção de professores em instituições públicas de ensino superior, o desprestígio da formação acadêmica, profissional e mesmo particular do pretendente a uma das vagas ofertadas, se faz impor pelo entendimento de que o exercício profissional envelhece, caduca. Reforçam estes editais que para a atribuição de pontos nas provas de títulos serão consideradas apenas as atividades profissionais desenvolvidas e comprovadas pelo candidato nos últimos cinco ou seis anos.

Ou seja, as atividades profissionais anteriores a este período parecem não ter mais brilho, força, número estatístico por aferir. Certamente existem formas mais inteligentes e justas de atribuir pontos nas provas de títulos quando se leva em consideração o tempo de trabalho apresentado pelo candidato a um concurso. O expurgo da contagem do tempo antigo de exercício profissional como quesito para a soma de pontos em uma prova de títulos indica que não queremos ver o todo, apenas as partes. Neste ponto, não há saídas possíveis.

O mesmo descrédito ao que fora produzido em tempos mais antigos – cinco, seis ou dez anos – ocorre em outras seleções públicas que não prestigiam a produção intelectual escrita tida como velha. Em tempos onde o novo é entronizado, mas tende a se tornar velho instantaneamente, deveríamos sair desta perspectiva matemática da contagem de pontos. O velho será sempre atual se entendermos que a produção intelectual é mais duradoura do que a vã contagem de pontos em um prova de títulos pressupõe.

Há certa confusão de idéias na percepção do que seja, de fato, uma produção científica que mereça pontuação avaliativa mais elaborada. Poderíamos ir além da perspectiva de produção por etapa cronológica. Um texto clássico, por exemplo, nunca envelhecerá, mesmo que as suas idéias ou conclusões pareçam sem sentido atualmente. Antigos e novos se complementam; ambos tem valores a serem atribuídos integralmente. A imposição da contagem anual da produção científica empobrece a universidade, pois a percebe como mercado competitivo injusto. O tempo da colheita aparece como único para os que semeiam de modos diferenciados.

As universidades privadas, com exceções, claro, lidam com esta linha de raciocínio sem maiores dilemas. A produção valorizada com mais ênfase é a de número de horas/aulas. Quanto mais o profissional exercer atividades docentes, melhor. Pesquisar é

trabalhoso, demanda tempo e custos financeiros. Congressos, eventos e palestras são, para muitas instituições privadas, tidos como gastos, não como investimentos. A identidade institucional da iniciativa privada passa a ser prioritariamente a docência. Um outro patamar de conquistas é possível, mas a universidade precisa se dinamizar a fim de que a sociedade compreenda que é vantajoso investir no desenvolvimento do conhecimento e da produção científica (ANDRADE, 1988, p. 9).

A corrida pelo reconhecimento profissional por meio de uma pontuação curricular pouco discutida e bastante aceita, não leva em conta outros aspectos pertinentes a muitas universidades brasileiras, como as suas dificuldades econômicas, de localização ou de lotação de pessoal. Lidamos aqui com algumas questões que parecem óbvias: universidades de fácil acesso em relação a deslocamentos por meio de transportes terrestre e aéreo, os mais comuns no Brasil, tendem a promover com mais frequência encontros científicos de diversas modalidades, pois se inserem em uma conjuntura que prestigia ainda a facilidade de serviços como hospedagem e alimentação. O tipo arquitetônico da universidade e a dimensão do espaço físico do seu campus também podem promover ou impedir a promoção de eventos que somem pontos nas avaliações de cursos. Uma competição desigual se estabelece.

A regulação de um tempo padrão para a conclusão de teses e outros trabalhos acadêmicos, assim como a competição desmedida entre pesquisadores/professores buscando atingir as metas estipuladas pelos cursos de graduação e pós-graduação, dão as universidades brasileiras a idéia plastificada de que se inseriram em um perfil único de funcionamento. Uma identidade única meio desprovida de convencimento real se instituiu nas instituições superiores de ensino e pesquisa. Vale repetir que a rapidez e os números da produção não invalidam a qualidade da produção acadêmica. A sua imposição, sim.

A Era da informação desqualifica, de certo modo, o sentido mais amplo do que se entende por formação científica. Que tal nos adaptarmos a esta tendência?

6. AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores Rosselvelt José Santos, Vera Salazar Pessoa, Cláudio Jorge Moura de Castilho, Vanderlei Ferreira e Maria Conceição Amaral Renan Menezes os diversos diálogos que tivemos e sem os quais este trabalho não teria se concretizado.

7. REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.C. de. 1988. Da Geografia que fazemos à Geografia que ensinamos. **Geografia e Ensino**. v. 9, p. 7-9.

ANTUNES, R. 2000. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo. Boitempo, 2ª Ed.

ARENDT, H. 2000. **A condição humana**. Rio de Janeiro. Forense, 10ª Ed.

CASSIMIRO, M. do R.; GONÇALVES, O.L. 1986. **Rumos da Universidade Brasileira**. Goiânia: UFG Editora.

CHAUÍ, M. 2003. A Universidade Pública sob Nova Perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, v. 24, p. 5-15.

DOURADO, L.F; CATANI, A.M. (Org.). 1999. **Universidade Pública: políticas e identidade institucional**. Goiânia: Ed. UFG/Ed. Coleção Polêmicas do Nosso Tempo.

ECO, H. 2006. **Como se faz uma tese**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva.

PORTO-GONÇALVES, C.W. 2006. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

SOUZA, M.A. de. 1996. **A “Nação em Chuteiras”: Raça e Masculinidade no Futebol Brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília/Departamento de Antropologia, Brasília. 62p.

VELHO, G. 1979. Academicismo e vida universitária. **Encontros com a Civilização Brasileira**. v. 16, p. 78-81.